

## reflexões sobre a representação feminina no período ditatorial em Bernardo Kucinski e Maria Pilla

Aline Teixeira da Silva Lima  
Mestranda em Literatura - UnB

Orientador: Prof. Dr. Anderson da Mata



### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo problematizar a representação na literatura contemporânea das mulheres militantes no período ditatorial brasileiro e argentino. Com base na análise dos romances *K.: relato de uma busca* (2014), de Bernardo Kucinski, e *Volto semana que vem* (2015), de Maria Pilla, pretende-se comparar, sob a perspectiva dos estudos de gênero, como essas personagens são construídas/desconstruídas, tanto na autoria feminina quanto masculina, resgatando memórias de acontecimentos traumáticos.

Palavras-chave: representação, mulher, ditadura, Bernardo Kucinski, Maria Pilla.

### OBJETIVOS

Analisar as formas de representação da mulher militante nos livros *K.: relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski, e *Volto semana que vem*, de Maria Pilla, sob a perspectiva de gênero, a fim de compreender o papel dessas personagens femininas associadas à violência política nos regimes militares brasileiro e argentino.

### INTRODUÇÃO

*K.: relato de uma busca*, primeiro romance de Bernardo Kucinski, é uma narrativa em terceira pessoa, cujo narrador onisciente conta a história de um judeu polonês já idoso, nomeado apenas por K., que chegou ao Brasil em 1935, fugindo do nazismo. Em solo nacional, este é comerciante e um escritor dedicado à literatura ídiche, mas a matéria central da obra é a busca de K. pelo paradeiro da filha, a qual desapareceu, ou melhor, foi desaparecida pela ditadura militar em 1974 por ser uma militante.

O romance de Maria Pilla, *Volto semana que vem*, é uma narrativa curta, em primeira pessoa, baseada na vida da própria autora, e que carrega uma certa sutileza, apesar da temática feroz que abrange: as ditaduras brasileira e argentina. A narradora recupera recortes de memórias sobre sua infância em Porto Alegre, a ativa juventude no curso de Jornalismo, a militância política, que a conduz ao exílio e, posteriormente, à prisão, entre outros acontecimentos.

Geralmente, em situações de guerras ou conflitos, associa-se a noção de resistência ao homem e, à mulher, a noção de pacifismo. Porém, nas obras aqui estudadas, essas personagens assumem a militância política, fugindo do estereótipo de “sexo frágil”. Em ambas as narrativas, portanto, há a representação dessas “mulheres subversivas”, as quais romperam com determinados valores a elas impostos pela sociedade patriarcal, desconsiderando o lugar a elas destinado: o privado.

### BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. São Paulo: BestBolso, 2014.

COLLING, Ana Maria. *A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

KUCINSKI, Bernardo. *K.: relato de uma busca*. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

LAURETIS, Teresa de. “A tecnologia do gênero”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

PILLA, Maria. *Volto semana que vem*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SHOWALTER, Elaine. *Speaking of gender*. New York and London: Routledge, 1989.

“O que diabos estavam as mulheres fazendo metidas em política, tornando-se ainda por cima guerrilheiras, numa época em que se ainda esperava delas que ficassem circunscritas no âmbito do lar e da vida privada? Putas comunistas”

Adriana Lisboa, *Azul corvo* (2014)

### METODOLOGIA

A metodologia consiste na aplicação dos conceitos oriundos dos textos teóricos dos estudos de gênero ao *corpus* em questão, principalmente a partir da fundamentação de Pierre Bourdieu e Elaine Showalter sobre as relações de gênero, as quais são, na verdade, para os autores acima referidos, relações de poder, tendo em vista que “gênero não é apenas uma questão de diferença, o que presume que os sexos sejam distintos e iguais; mas de poder, já que observando a história das relações de gênero, encontramos assimetria sexual, desigualdade e dominação masculina em qualquer sociedade” (SHOWALTER, 1989. p. 4).

### CONCLUSÃO

O que se destaca, sob essa perspectiva autoral, é a diferença na representação da figura feminina frente às situações de militância política. Em *K.: relato de uma busca*, há, uma certa relação de mistura entre o literário e o vivido biográfico, dessa forma, as impressões que K. tem de sua filha seriam as mesmas que Kucinski tem de sua irmã.

Nesta obra, o discurso não quebra a convenção dos atributos femininos instituída pela sociedade patriarcal, tendo em vista que as descrições que K./Bernardo Kucinski faz de sua filha/irmã, mesmo esta sendo uma militante política, estão associadas a esse padrão pré-estabelecido, o qual povoa o imaginário masculino, pois há na narrativa uma idealização e vitimização da figura da filha, único papel atribuído a mesma pelo pai (e também vitimização da figura da irmã, única perspectiva pela qual Ana Rosa Kucinski é vista pelo irmão), associando-a sempre à fragilidade e à inocência. Assim, não há uma desconstrução desse estereótipo, e sim uma reiteração do mesmo.

Logo, fica evidente que apenas homens falando dessas mulheres ou por essas mulheres não é suficiente para dar conta das inúmeras identidades e peculiaridades que compõem os sujeitos femininos, sendo necessário, portanto, dar voz às mesmas. E é justamente isso que o leitor encontrará em *Volto semana que vem*, ou seja, a perspectiva da própria guerrilheira. Mesmo demonstrando gostar de atividades associadas inicialmente às mulheres como cinema e literatura, assim como a filha de K., a narradora não se restringe a ocupar apenas esse espaço. Ela é um ser pensante, independente, dona de suas próprias vontades e que transgredir esse mísero espaço a ela destinado. Nesta obra, a mulher torna-se sujeito, deixando de ser apenas objeto de representação de outrem. Desse modo, a representação da “mulher subversiva” de Maria Pilla, diferentemente da de Bernardo Kucinski, se afasta daquela em que os conceitos em relação à mulher estão encorados às estruturas patriarcais e se aproxima do sujeito social defendido por Teresa de Lauretis, em que este deve ser “múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido” (LAURETIS, 1994, p. 208).

